

Perigo na emergência

Anderson Schneider 20.3.00



A SUPERLOTAÇÃO NÃO É MAIS A ÚNICA RECLAMAÇÃO NA EMERGÊNCIA: FALTA DE VAGAS NA UTI PROVOCAM MAIOR TEMPO DE PERMANÊNCIA NO PRONTO-SOCORRO

O Pronto-Socorro (PS) do HBDF também enfrenta dificuldades. Além da tão falada superlotação, há um clima de tensão no ar. Internações que deveriam durar 36 horas se arrastam por meses. Teoricamente, o PS é um setor de passagem. De lá, o doente sairia para uma cirurgia ou tratamento. Como é difícil encontrar vagas nesses setores, o enfermo fica esperando por um tratamento que parece nunca vir.

O ponto mais crítico são os respiradores. Das 20 máquinas desse tipo, apenas três são modernas. O restante é velho e sujeito a panes. Eles não contam com sistema de alarme e podem parar sem que ninguém perceba. Quando isso acontece, e não há um enfermeiro ou médico por perto, o paciente pode morrer asfixiado em minutos. O que, segundo dois médicos do plantão noturno (eles não quiseram se identificar por medo de represálias), já aconteceu.

O plantonista mais velho — funcionário do hospital há 18 anos — conta ter perdido um paciente com menos de 45 anos, envolvido em um acidente de carro, no início do ano. O doente chegou ao hospital inconsciente e com dificuldades para respirar sozinho. Por isso, foi entubado. Colocou-se na boca do paciente o cano de oxigênio (com um dedo de largura) que desce até a traquéia. O tubo foi conectado ao respirador, que manda oxigênio para os pulmões.

A situação desse doente não era grave a ponto de evoluir para a morte. No entanto, a má-

RISCO DE VIDA E DESCONFORTO

Em dezembro do ano passado uma equipe do Conselho Regional de Medicina (CRM) visitou o PS e constatou as mesmas deficiências detectadas pela reportagem do Correio, no último mês. No relatório dos médicos, constam as seguintes anotações:

Não há espaço diferenciado para os paciente com risco de vida e aqueles que apenas aguardam leito vago para internação

Excesso de pacientes e acompanhantes, ambos em situações flagrantes de desconforto físico e psíquico.

Boa parte dos respiradores artificiais não têm alarme para avisar de possíveis defeitos. Como não há nenhuma assistência de enfermagem à beira do leito, se a máquina parar por algum motivo, o doente morre.

O tempo médio de permanência do paciente é muito longo. Geralmente superior a 2 dias de internação. Incompatível com qualquer parâmetro definido ou aceitável para o setor — de 36 horas — até ser encaminhado para a cirurgia, UTI ou especialidade adequada.

quina parou e não havia médico ou enfermeiro por perto. Ele morreu asfixiado, aos poucos, sem fazer barulho. A morte só foi percebida duas horas depois. O médico, especialista em cirurgia, não contou nada aos familiares do acidentado para não tornar a situação mais dolorosa. No pronto-área do paciente foi registrada morte por parada respiratória. Sem maiores detalhes.

TENSÃO

Teoricamente, toda pessoa entubada deveria ficar na Unidade de Terapia Intensiva. Mas no HBDF só existem 28 vagas no setor. Muitos doentes permanecem no próprio pronto-socorro, onde há um box com cinco leitos para esse fim. No entanto, não é ra-

ro ver doentes entubados misturados aos demais.

Todos os médicos e enfermeiros já ouviram boatos sobre morte nos respiradores. Um dos residentes conta que os médicos temem deixar o paciente nas máquinas. Sempre que alguém morre nos aparelhos, fica a dúvida: foi falha mecânica ou o paciente morreria mesmo? A única certeza é que os respiradores inspiram cuidados. Ele próprio comprovou o fato. Enquanto estava em treinamento, teve de trocar pacientes de respirador. Era preciso testar dois ou três aparelhos até encontrar um que mantivesse a respiração do doente.

Em dezembro do ano passado, médicos do Conselho Regional de Medicina (CRM) visi-

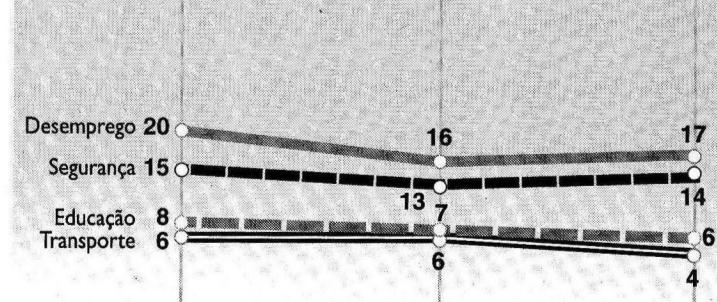
taram o HBDF para verificar os aparelhos. No relatório, consta a seguinte anotação: "boa parte dos respiradores não tem alarme para avisar possíveis defeitos. Como não há assistência de enfermagem à beira do leito, se a máquina parar por algum motivo, o doente corre o risco de morrer."

O conselho fez uma série de recomendações à diretoria do hospital. Entre elas, separar os pacientes que necessitam de respiradores dos demais. Além disso, sugeriu que uma pessoa da equipe ficasse responsável por monitorar os aparelhos. Mas não há pessoal. O PS trabalha com 23 médicos e cinco enfermeiros. A média é de um profissional para cada 7 doentes.

O ideal seria trocar os respiradores antigos por modelos mais novos, com alarme. A diretoria do PS pediu dez novas máquinas para a Secretaria de Saúde. Até o momento, recebeu três. "É claro que preferíamos trabalhar apenas com aparelhos mais eficientes, no entanto, não podemos abrir mão dos modelos antigos, porém necessários", afirma Ivam Pedro, chefe do Pronto Socorro.

Um dos conselheiros presentes à fiscalização, Eduardo Guerra, confirma a precariedade dos aparelhos. Sobre a denúncia feita pelos médicos plantonistas ao Correio, avalia: "O conselho não tem como comprovar as mortes nos respiradores, porque elas não constam nos prontuários dos pacientes. Mas é possível, aliás provável, que alguém tenha morrido naqueles aparelhos." (GF e JCN)

PRINCIPAIS PROBLEMAS NO DF



Para 52% deles, a saúde é o problema mais grave do DF e o primeiro que deveria ser combatido pelo próximo governador. O percentual de eleitores preocupados com a saúde aumentou dois pontos em comparação

com o levantamento anterior, feito no final de agosto. Em segundo lugar na lista de prioridades ficou o desemprego, com 17%, seguido da segurança pública (14%), educação (6%) e transporte coletivo (6%).

DIFERENÇA

Em comparação com a primeira pesquisa feita pelo Vox Populi, no final de julho, a diferença entre a saúde e o desemprego cresceu 15 pontos percentuais. "Nos outros estados é comum que os eleitores apontem saúde, segurança e desemprego como problemas mais graves. O que chama a atenção no Distrito Federal é a grande diferença entre o primeiro e o segundo lugar", analisou o diretor do Vox Populi, Marcos Coimbra.

Prioridade para o próximo governador, a saúde pública também lidera o número de citações quando os eleitores respondem quais os três principais problemas do Distrito Federal. A área obteve 83% das respostas. Desemprego ficou novamente em segundo, com 68% das citações, seguido de segurança (56%) e Educação (41%).

O povo quer saúde

André Garcia

Da equipe do Correio

Os problemas do sistema público de saúde do Distrito Federal continuam em primeiro lugar na lista de preocupações dos eleitores brasilienses. Na terceira rodada da pesquisa Vox Populi/Correio, realizada entre os dias 11 e 12 deste mês, a saúde foi novamente apontada pelos entrevistados como prioridade para o próximo governador. É a terceira vez que a saúde figura na primeira posição e a segunda consecutiva em que aumenta o número de eleitores insatisfeitos com a rede pública.

O Vox Populi entrevistou 705 eleitores nas 19 regiões administrativas do Distrito Federal.